

A INFÂNCIA E OS PROCESSOS DE CATEGORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS SÓCIO-ECONÔMICAS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL

Fábia Cristina Hildebrand

Almir Del Prette

Programa de Pós-Graduação em Educação Especial/UFSCar

INTRODUÇÃO

A análise da formação da identidade social será embasada num processo denominado categorização social, com característica psicossociológica, que se desenvolve na medida em que os indivíduos se inserem em relações intergrupais constituintes da estrutura simbólica. A categorização social é um processo complexo por ser uma abstração geral do real – um processo psicológico organizador do meio social – que intervém em apreciações de objetos que se revestem de um valor social, relacionada à percepção comparativa. Pode-se dizer que a categorização é o molde que dá forma às atitudes intergrupo, enquanto a assimilação dos valores e das normas sociais é o seu conteúdo (Forgas, 1983). São os efeitos do processo geral de categorização social que tornam possível a definição de uma identidade social, concebida aqui como "o conhecimento que o indivíduo tem que pertence a determinados grupos sociais, juntamente com o significado emocional e de valor que ele atribui a esse pertencimento" (Tajfel, 1983, p. 59)

Este processo de Categorização dota o meio de um significado particular numa relação de acentuamento das semelhanças e diferenças intragrupo, em que os indivíduos se percebem enquanto pertencentes a determinados grupos diferenciado-o de outros (Tajfel, 1983). Portanto, a categorização é um processo situacional, que estimula a comparação social: um processo eminentemente auto-avaliativo. Neste sentido, a comparação e a categorização são complementares, já que a comparação é uma condição necessária e a categorização é uma condição suficiente para que a diferenciação intergrupar ocorra. A categorização geralmente é influenciada pela situação em que ocorre; costuma ser favorável com relação ao próprio grupo (ingroup) e desfavorável com relação ao grupo do outro (outgroup). Um segundo fator que pode interferir no processo de categorização social se refere à informação categorial. As apreciações sobre pessoas levam em conta os limites intergrupais, ou a própria dependência de grupos étnicos ou nacionais – a informação sobre uma dependência categorial influencia, pois, a categorização (Doise, 1984). Outro importante fator a ser definido é que deve-se esperar que diferentes meios sociais afetem os atributos utilizados na construção das categorias sociais. Alguns estudos (Tajfel e col 1970, 1983; Brow, 1973) demonstraram que quando a percepção do grupo é negativa, alguns mecanismos de defesa imperam na relação de atribuição, de modo que, nas "posições menos favorecidas" a percepção do ingroup ou do outgroup é diferenciada em termos dos atributos utilizados para a categorização.

Considerando o exposto, as premissas gerais que norteiam este estudo, são: (1) o processo de categorização social é o processo que torna possível edificar a identidade social; (2) o processo de categorização social se inicia na medida em que os sujeitos se colocam em relações intergrupais e são capazes de se perceberem comparativamente.

Duas preocupações edificaram este estudo. A primeira refere-se a uma descrição das noções de pertencimento das crianças em diferentes grupos sociais. Interessa aqui, verificar como se dá o processo de categorização das diferenças de diferentes posições de classe, entendida objetivamente como percepção das diferenças intergrupais, levando em conta a idade e a interferência da situação em que houve a categorização em situações que remetem uma ação coletiva ou individual. A segunda preocupação leva à investigação das conseqüências desta categorização nas preferências sociométricas das crianças, relevando principalmente o processo de identificação social nas relações infantis, levando em conta a autocategorização feita, bem como as possíveis implicações desta identificação para a educação.

O objetivo geral desta pesquisa foi o de investigar como é o processo de categorização social, de modo a tornar possível a construção a identidade social. Para tal, foi desenvolvida uma análise dos conteúdos afetivos e representativos dos atributos utilizados pelas crianças nas relações grupais e intergrupais, sempre tendo como referencial a classe de pertencimento das crianças. Buscou-se verificar se as crianças, nas idades consideradas demonstraram atitudes positivas com relação ao ingroup e atitudes negativas quanto ao outgroup; se a informação de uma dependência categorial influenciou a categorização; se houve interferência na categorização em grupo e individual- se houve mudanças no grau desta interferência em diferentes idades; e, se diferentes meios sociais resultaram em diferentes categorizações com relação aos atributos utilizados.

MÉTODO

Participantes da Pesquisa

Foram submetidas à pesquisa 96 crianças com 4, 8 e 12 anos, sendo 48 crianças de escolas particulares e 48 crianças de escolas públicas.

As 48 crianças de cada escola foram ainda subdivididas em duas classes, segundo a ocupação dos pais: – uma classe designada por "classe média" e uma classe designada como "classe trabalhadora".

Local e Materiais Utilizados

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas gravadas e de um questionário de diferencial semântico aplicado em escolas públicas e particulares do centro e da periferia da cidade de Pirassununga – cidade do interior do Estado de São Paulo – no período 3 meses.

Procedimento

A entrevista "individual" foi realizada num local reservado, com a presença da criança e do entrevistador; a entrevista "em grupo" foi realizada nos intervalos de aulas, com a presença de pelo menos três crianças, as quais não podiam se manifestar durante a entrevista – através da palavra. O roteiro foi o mesmo para ambas as entrevistas: constou de duas partes. A primeira continha uma seqüência de seis fotos (retratando crianças em diferentes situações, ampliadas em 12 cm de largura por 24 cm de comprimento, em branco e preto), as quais as crianças deveriam escolher uma para responder à primeira parte da entrevista, que se resumia numa descrição detalhada da foto.

Cada classe social considerada foi subdividida em dois grupos, conforme o tipo de entrevista realizada com as crianças: – individual e em grupo

A segunda parte do roteiro continha um questionário de diferencial semântico, a partir do qual a criança era solicitada a avaliar seu próprio grupo e o grupo do outro, demonstrando as disposições de afetividade. O questionário foi construído a partir de um estudo piloto¹. A delimitação do próprio grupo era dada a partir da auto-identificação das crianças entre os pobres ou entre os ricos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados em duas partes, correspondentes respectivamente à disposição de afetividade e à capacidade de percepção de pertencimento a um grupo social.

Capacidade de percepção de pertencimento a um grupo social

Todas as crianças entrevistadas foram capazes de se autocategorizarem, quando perguntadas, em termos de ricas ou pobres e, ainda, segundo a intensidade (muito, médio ou pouco).

Comparando as categorizações pelas idades das crianças, percebe-se com relação às crianças que em determinados meios sociais e em situações diferentes, elas se autocategorizam diferentemente. As crianças de classe trabalhadora de escola pública com as mesmas idades, tendem a se categorizarem diferentemente de uma criança de escola particular, com o mesmo tipo de entrevista, e ainda, crianças de escolas particulares tendem a se autocategorizarem diferentemente nos dois formatos de entrevista (individual/grupal).

Foi extremamente importante observar que existe um efeito de mudança para mais pobre, nas entrevistas em grupo, nas escolas públicas, para ambas as classes. Este resultado demonstra a relação

¹ Foi desenvolvido um "estudo piloto" com crianças de 4 à 7 anos de outra escola, objetivando a testagem dos instrumentos. Foi possível, a partir deste estudo, aperfeiçoar os instrumentos, tornando-os adequados ao universo lingüísticos das crianças e aos objetivos.

das variáveis idade e meio social: as crianças de 12 anos de classe trabalhadora de escola particular tenderam a autoavaliarem-se de forma a aproximar sua avaliação da maioria, nas entrevistas individuais; nas entrevistas em grupo 100% se autocategorizaram como pobres, dada a coesão do consenso coletivo.

Quando a entrevista era em grupo, as crianças mais velhas (8 e 12 anos) geralmente olhavam para os colegas antes de responderem, e qualquer manifestação – não oral – dos companheiros fazia com que elas hesitassem antes de responder – o que não foi verificado com as crianças de 4 anos. Pode-se verificar que o "consenso coletivo" parece não interferir nas avaliações das crianças nesta idade. A avaliação das crianças foi praticamente a mesma em ambas entrevistas, tenderam a utilizar os atributos positivos na avaliação do ingroup e os atributos negativos para avaliar o outgroup, de acordo com o processo geral de categorização, demonstrando então que, mesmo sendo capazes de se autoavaliarem do ponto de vista do "outro social", ainda não sofrem a influência tão direta deste. Deste modo, pode-se dizer que há uma interferência do "consenso coletivo" associada com a idade das crianças e com o meio em que a criança categorizou. O "consenso coletivo" também influenciou a avaliação das crianças com relação ao ingroup e ao outgroup. Quando a entrevista foi individual, as respostas tenderam a se concentrar mais nos polos extremos do quadro semântico, sendo no polo positivo quando se tratava do ingroup, e no polo negativo, quando se tratava do outgroup.

Tendência à valorizar o ingroup e a desvalorizar o outgroup

Foi verificado, independente da idade, da classe social e da escola em que o estudo foi realizado, que todas as disposições de afetividade tenderam a ser positivas com relação ao próprio grupo (ingroup) e negativas com relação ao grupo do outro (outgroup). A partir desta informação, podemos perceber a interferência de uma informação categorial (o não pertencimento de grupo) no processo de categorização, realizado por crianças de diferentes idades e diferentes meios sociais.

As crianças que se autocategorizaram como ricas – médio – ou pobres – médio – tenderam a acentuar as características positivas do ingroup, e as características negativas do outgroup, como já salientado, porém de modo mais moderado. Verificou-se que as avaliações das crianças que se autocategorizaram em posições médias, apesar de ressaltarem as características positivas do ingroup e do outgroup, estas avaliações foram mais "diluídas", no quadro semântico, demonstrando que houve diferenças no processo de categorização, segundo autocategorizações diferentes.

A partir dos dados obtidos, pode-se concluir que, todas crianças entrevistadas, em todas as faixas de idade, foram capazes de se autocategorizarem, indicando que elas já se percebem como pertencentes a determinados grupos sociais e diferenciadas de outros. Quando fizeram isto, foram capazes de olhar a si próprias do ponto de vista do "outro social" (que também inclui o determinado meio e momentos sociais) e desta forma, demonstraram que já incorporaram os signos sociais e os valores da própria cultura. A avaliação do ingroup e do outgroup efetuada pelas crianças foram influenciadas, ainda, por diferentes autocategorizações, e pelo tipo de entrevista desenvolvida – a identidade social edificada pelas crianças foi influenciada por sua classe social e pelo meio social, bem como sua avaliação foi influenciada pela autocategorização, pela idade e pelo tipo de entrevista desenvolvido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um ponto interessante deste trabalho foi verificar a influência das autocategorizações das crianças em suas avaliações – as crianças que se autocategorizaram como ricas ou pobres "médio", tenderam a ser mais "ponderadas" em suas avaliações. Este resultado indica que a identidade social relaciona-se ao processo de categorização social e seu conteúdo é influenciado pelo meio/momento social. Esta influência é um dado que pode contribuir para aprimorar a definição de categorização social na medida em que novas pesquisas se desenvolvam nesta área, mas, os resultados confirmam os pressupostos gerais do processo de categorização social, conforme a teoria da identidade social de Tajfel (1983). Outra variável que teve significativa influência na categorização foi o "consenso coletivo – as crianças tenderam a alterar suas respostas em entrevistas diferentes (em grupo ou individuais). O grau de influência do "consenso coletivo", segundo as idades das crianças, é um resultado importante e deve ser melhor investigado.

A pesquisa traz resultados interessantes quando verifica as influências destas variáveis no processo de categorização, e deste modo, contribui para uma melhor compreensão de como se desenvolve a identidade social. Tem implicações em vários aspectos. Um deles relaciona-se com a educação, mais

especificamente, com a relação entre educador e educando: o educador, ao desenvolver a consciência do processo de categorização, pode evitar alguns danos irremediáveis na formação social de seus educandos, especialmente no uso de "rótulos", pois ele poderia avaliar a influência de uma informação categorial na autocategorização e categorização externa. Deste modo, um aluno rotulado como "mau aluno", "débil", "difícil", etc, formará uma representação que poderá tornar uma característica atribuída, uma característica de fato. Neste sentido, o professor pode ser também responsável com a introjeção de estereótipos negativos. Estes estereótipos negativos, partindo do pressuposto de que a exclusão é reinterpretada, fazem com que o indivíduo busque reinterpretar sua posição social de forma positiva, de acordo com o processo de categorização social. Assim, um comportamento inadequado e criticado em sala de aula pode ter uma conotação positiva para o aluno, se ele se insere em um grupo com as mesmas categorizações, preservando sua identidade positiva. Paín (1985) analisa bem este fenômeno quando indica que na interação entre o indivíduo e seu meio, o indivíduo sofre exigências externas que solicitam elaborações internas, mas que não há garantia de que as respostas encontradas pelo indivíduo sejam aquelas esperadas pelo meio escolar. Nesta medida, na situação de aprendizagem isto poderia significar que, apesar de ser mais recorrente o aprendizado do conteúdo ensinado, talvez este não seja o resultado escolhido pelo indivíduo, e ainda, num sentido oposto, a "não aprendizagem" torna-se a única saída encontrada pelo indivíduo para adequar as solicitações internas às exigências externas e, dessa forma, lograr sua integração ao meio. Nesta medida, qualquer dificuldade de aprendizagem ou mesmo disfunção, poderia ser apresentada como decorrente da tentativa de reequilíbrio do sujeito (Almeida & col., 1995). Segundo Fernández (1991), isto constitui a atribuição positiva para o não aprender, e tem relação direta com o fato do indivíduo sempre procurar uma identidade positiva com relação à própria identidade. Segundo esta autora o não aprender cumpre com uma função integradora do processo individual. É extremamente importante buscar o significado e funcionalidade da dificuldade de aprendizagem, a partir da dinâmica que se estabelece no sujeito em relação com a aprendizagem.

Assim, a identidade social que o aluno edifica deve ser levada em conta na relação do professor com seu educando, já que a dificuldade pode estar nos modos de relacionamento do sujeito, indicando possíveis conflitos do indivíduo em responder às exigências escolares. Os pressupostos do processo geral de categorização social – analisados nesta pesquisa – podem ser de grande valia neste sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, S.F.C.; Rabelo, V.S.C; Moura, E.R.O.; Barreto, M.S.F.; & Barbosa, H. (1995) Concepções e Práticas de Psicólogos Escolares Acerca das Dificuldades de Aprendizagem. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11, (2), 117-134.
- Brow, G.A. (1973) An exploratory study of interaction amongst British and immigrant children. Great Britain. Br. *J. Soc. Clin.Psychol.*, 1, 59-162.
- Doise, W. (1984). *A Articulação Psicológica e as Relações Entre Grupos*. Lisboa: Moraes Editores.
- Fernández, (1991). *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre.: Artes Médicas.
- Forgas, J.P. (1983). *Social Cognition*. London: Academic Press.
- Paín, S. (1985). *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Porto alegre: Artes Médicas.
- Tajfel, H.(1983). *Grupos Humanos e Categorias Sociais*. Lisboa: Livros Horizonte (vol. 1).
- Tajfel, H.; Nemeth,G.; Jahoda,G.; Campbell,F.D.; & Johnson.N.B. (1970) The development of children's preferences for their own country: a cross-national study. *Int. J.Psychol.* 5, 245-253.